

ENTRE O CLARO E O ESCURO: o encontro entre Roger Bastide e Claude Lévi-Strauss¹

Maria Lúcia de Santana Braga

Resumo

O artigo examina o papel desempenhado por Roger Bastide nas ciências sociais mediante o confronto com a trajetória e o pensamento de Claude Lévi-Strauss. Os dois pensadores são nomes emblemáticos das ciências sociais e constituem parâmetros relevantes para compreender a teoria social formulada no século XX. A escolha de Lévi-Strauss como base para esse exercício deve-se à freqüente comparação entre os dois pensadores realizada por ex-alunos e contemporâneos, além do fato de serem dois casos exemplares na academia francesa, que percorreram caminhos em muitos aspectos próximos e também distintos: o período passado no Brasil, a dedicação a determinados temas e objetos de estudo, as instituições escolhidas, a visibilidade, o estilo, a inserção e a consagração no campo acadêmico e intelectual.

Palavras-chave

Roger Bastide. Claude Lévi-Strauss. Pensamento social no Brasil. Estilo científico.

BETWEEN CLARITY AND OBSCURITY: Roger Bastide meets Claude Lévi-Strauss

Abstract

The article examines the role played by Roger Bastide in social science by contrasting it with the academic trajectory and thought of Claude Lévi-Strauss. The choice of Lévi-Strauss as the basis for this exercise is due to the usual comparison established between the two thinkers (by their ex-students and contemporaries), besides the fact that both are considered patterns for the French Academy. Their academic

¹ Este artigo, originalmente apresentado no XXVI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, em outubro de 2002, é uma versão modificada de parte do capítulo IV da minha tese de doutorado, *Entre o esquecimento e a consagração: o estilo Roger Bastide nas ciências sociais*, defendida em março de 2002, sob a orientação da professora doutora Mariza Veloso Malta Santos.

lives have striking resemblances: the period spent in Brazil, the dedication to specific subjects, the chosen institutions, the visibility, the style, the insertion and acclamation in the intellectual and academic field.

Keywords

Roger Bastide. Claude Lévi-Strauss. Social thought in Brazil. Scientific style.

Estou tão farto de ser sempre etiquetado de sociólogo que quis apanhar um pouco de ar.

Bastide

Introdução

A epígrafe acima é uma resposta de Roger Bastide a Gilbert Durand quando de sua visita em 1973 ao Centro de Pesquisa sobre o Imaginário, na França, ao ser questionado sobre o seu interesse pelo escritor André Gide e a recente obra *Anatomia de Gide*. A verdade, essa recusa de Bastide o acompanhou durante toda a sua trajetória intelectual e não apenas no seu final. Desde os anos 1920, quando iniciou sua produção, até os anos 1970, quando faleceu, Bastide dedicou-se muito mais a temas que foram geralmente considerados não sociológicos que a temas consagrados nas ciências sociais. Essa marca bastidiana se reflete na vasta e prolífica produção realizada durante mais de cinquenta anos.¹

Após 16 anos no Brasil, Roger Bastide retomou definitivamente à França em 1954. A trajetória do seu pensamento e obra viveria três momentos a partir da década de 1950, ainda marcados pelo período de 'e xílio' no Brasil: primeiro, os anos nos quais lecionou na École des Hautes Études e depois na Sorbonne; segundo,

¹ Gilbert Durand (1996, p. 229) chama a atenção para esses aspectos no artigo 'Roger Bastide, os longínquos e as jumentas', pois há "na obra de Roger Bastide, a descoberta de um Novo Mundo a que nada do humano - nem as artes, nem as místicas, nem os sonhos, nem as literaturas - é alheio. Mundo que domina, na sua integralidade, a sociologia, segundo o desejo bem oculto de Auguste Comte, e a sociologia dos poderes antropológicos de imaginar."

o período entre a sua morte e até o fim dos anos 1980; e terceiro, a década de 1990, marcada pelo trabalho paciente e detalhado de redescoberta e de divulgação de seu pensamento feito por um pequeno grupo franco-brasileiro. O que se refere ao primeiro momento na França, a impressão é a de adaptação bem-sucedida ao novo ambiente universitário e acadêmico após quase duas décadas no Brasil. No entanto, isso não ocorreu. Já no segundo momento, nas décadas de 1970 e 1980, verifica-se um progressivo esquecimento das idéias de Bastide, o que pode ser creditado a vários motivos que serão objeto de análise neste artigo. Nos anos 1990, configura-se um novo panorama no que tange à divulgação da obra de Bastide e ao debate de seu pensamento, em particular graças ao grupo de pesquisadores e interessados organizado em torno da obra bastidiana.

Neste artigo, trataremos de examinar o papel desempenhado por Bastide nas ciências sociais por meio da comparação com a trajetória e o pensamento de Claude Lévi-Strauss. Mas por que a escolha de Lévi-Strauss e não de outro autor estrangeiro? Esta escolha deve-se à freqüente comparação entre os dois pensadores realizada por ex-alunos e contemporâneos, além, é claro, do fato de serem dois casos exemplares na academia francesa, que percorreram caminhos em muitos aspectos próximos e também singulares: o período passado no Brasil, a dedicação a determinados temas e objetos de estudo, as instituições escolhidas, a visibilidade, o estilo, a inserção e a consagração no campo acadêmico. De imediato, verifica-se que os dois pensadores acabaram por ocupar posições muito distintas nas ciências sociais nas últimas décadas do século XX, e consideramos que a comparação entre as trajetórias dos dois autores franceses é de grande utilidade metodológica para a compreensão do estilo de ciência social produzido no Brasil.

Ainda durante o período brasileiro, Bastide havia publicado de forma significativa. Todavia, seus livros e artigos apareceram em sua maioria em língua portuguesa, o que limitava sobremaneira o seu conhecimento e reconhecimento na Europa. Seus dois primeiros livros publicados em língua francesa, no início da década de 1930, tinham recebido pequena divulgação.¹ Assim, o público

¹ O primeiro livro, *Les problèmes de la vie mystique*, de 1931, só teve 2ª edição francesa em 1948. Da mesma forma, o livro *Éléments de sociologie religieuse*, de 1935, só foi reeditado em 1947.

acadêmico francês praticamente desconhecia a obra produzida por Bastide entre as décadas de 1930 e 1940.⁴

Louis-Vincent Thomas (1993), na introdução ao primeiro número da Revista *Bastidianot*, apresenta pequeno balanço das razões que podem explicar o pouco reconhecimento de Bastide no âmbito das ciências sociais francesas. Essas razões estariam concentradas em um dos três pontos: *i)* Bastide não teria sido suficientemente teórico; *ii)* como pesquisador, o sociólogo teria se dispersado ao tratar de muitos temas; e *iii)* as obras de Bastide não eram conhecidas. Thomas argumenta que Bastide, de fato, não fez nenhum esforço para fazer-se conhecido, além de ter entrado tardiamente na universidade francesa e ter defendido seu doutorado de Estado aos 59 anos, após seu retomo à França. A ótica de Thomas, tudo isso se devia à modéstia intelectual e moral de Bastide, aliada ao fato de que, apesar de defender com firmeza suas idéias, esse pensador não pretendia criar qualquer tipo de teoria globalizante.

A falta de preocupação de Bastide com a elaboração de uma obra-síntese levou-o a enorme fecundidade, com a publicação de quase 1.500 artigos, livros e resenhas sobre os mais variados assuntos. A desconfiança de Bastide em relação

⁴ Mesmo com o fim da II Guerra Mundial, Bastide permaneceu no Brasil. Em 1946, novos professores franceses foram convidados e ficaram por aproximadamente um ano. É o caso, por exemplo, de Georges Gurvitch, professor na Universidade de Strasbourg, que permaneceu dois anos (1947 e 1948) no Brasil e, nesse período, estreitou as relações com Bastide. Em 1947, Gurvitch convidou-o para participar da coletânea que estava organizando sobre a sociologia no século XX. Bastide elaborou um artigo sobre a situação da disciplina na América Latina. Foi nesse momento, entre 1947 e 1950, que Bastide intensificou sua colaboração na imprensa francesa com a publicação de artigos em várias revistas e jornais. Além disso, Gurvitch incentivou Bastide a retomar logo à França e a concluir sua tese de doutorado. A visibilidade proporcionada pelos artigos publicados e o apoio de Lucien Febvre, diretor da École Pratique des Hautes Études, credenciaram Bastide a assumir uma cadeira na École em 1951.

⁵ A Revista *Bastidiana* nasceu a partir da criação do Centre d'Études Bastidiennes, que reuniu antigos colaboradores, contemporâneos e ex-alunos de Bastide. Esse pequeno grupo, encabeçado por Henri Desroche, Claude Ravelet, Pierre Laburthe-Tolra e Denys Cuche, procurou de forma mais sistemática organizar e divulgar o pensamento de Bastide na França. O grupo, que recebeu apoio de cientistas sociais brasileiros, como Maria Isaura Pereira de Queiroz, iniciou, a partir de 1992, intenso trabalho de recuperação e divulgação da obra do pensador francês por meio da Revista *Bastidiana*, seu principal instrumento, e realizou também durante a década de 1990 encontros, colóquios e seminários na França e no Brasil.

às grandes teorias aliou-se ao pouco apego em relação aos campos disciplinares. O olhar bastidiano voltou-se mais para os problemas que para as disciplinas, procurando em diferentes lugares as respostas para as suas inquietações sobre o outro, como afirmou em 1967: "Nada sem dúvida é tão cativante como avançar sobre caminhos pouco trilhados, como abrir rotas nas fronteiras indecisas entre duas ciências, a psiquiatria e a sociologia; até os erros aí são preciosos, pois cada erro é uma promessa de uma conquista. Só nos extraviamos para encontrar terras ainda não visitadas" (BASTIDE, 1967, p.1).

Mesmo assim, o pouco reconhecimento de Bastide tanto no Brasil como na França, em nossa ótica, começou a ser revisto na última década. O surgimento de pesquisadores que de uma forma ou de outra avaliam o impacto e a recepção das interpretações bastidianas no pensamento e na cultura brasileira é um sinal de que Bastide ainda vive entre nós (BRAGA, 1994,2002; PEIXOTO, 1998).

1 Roger Bastide e a criação de um novo estilo nas ciências sociais

Com quarenta anos de idade, Roger Bastide chegou ao Brasil em março de 1938 com o objetivo de passar três anos como professor de sociologia na vaga deixada por Claude Lévi-Strauss na Universidade de São Paulo. As razões que levaram Bastide a aceitar o convite para lecionar tão longe de seu país foram certamente as mesmas que motivaram vários outros professores franceses a trabalhar no Brasil: oportunidades acadêmicas e profissionais relacionadas principalmente à pesquisa e à docência. As ciências sociais francesas, em particular a sociologia, viviam momentos difíceis após o término da Primeira Guerra Mundial. As mortes de Durkheim em 1917 e de vários colaboradores levaram a inúmeros conflitos nas décadas seguintes e ao enfraquecimento institucional da sociologia, que durante a década de 1930 era criticada por sua face ainda muito próxima de uma filosofia social."

⁶ Charles-Henry Cuin e François Gresle (1994, p. 173) chamam a atenção para o esgotamento da sociologia francesa sofrido no período entre-guerras: "Nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, a sociologia francesa está irreconhecível: no espaço de vinte anos, perdeu o prestígio e a influência que, pelo menos na França, antes a cercavam, viu esgotar-se uma produtividade florescente e estagnar-se uma institucionalização ainda frágil. A vitória da escola durkheimiana na virada do século não era, portanto, apenas o triunfo de um grupo talentoso organizado por um mestre insubstituível, mas antes de tudo a vitória de uma doutrina política e moral cuja hora histórica já se fora."

A Universidade de São Paulo surgia, assim, quase por acaso, como um espaço institucional valorizado, pelo menos naquele momento, na distante América Latina, para os jovens professores e pesquisadores em início de carreira.⁷ Naquela época, a universidade já assumia papel relevante, possibilitado pelas reformas políticas, educacionais e culturais surgidas com as novas condições econômico-sociais existentes no Brasil.⁸

Entretanto, Bastide diferenciava-se da média dos demais professores franceses por alguns motivos. Primeiramente, porque já era um professor experiente, com mais de dez anos de trabalho em liceus franceses nas cidades de Cahors, Lorient, Valence e Versailles. Além disso, Bastide tivera formação acadêmica fora de Paris, tendo sido aluno de Gaston Richard e posteriormente seu colaborador na Universidade de Bordeaux.⁹ Isto possibilitou que assumisse uma orientação teórica diversificada no interior das ciências sociais, em especial na sociologia. Com formação ampla e variada, que pode ser constatada nas várias fontes e referências utilizadas, como a sociologia francesa, alemã e inglesa, a antropologia e a psicanálise, acabou por não se apegar a nenhuma das escolas predominantes naquele momento, nem posteriormente. Por fim, em 1938, Bastide já era um pensador com produção expressiva no campo da sociologia religiosa, com dois livros e vários artigos publicados.

No Brasil, Bastide pôde ampliar seus temas de estudo, consolidar o método que já havia sido usado em seus primeiros trabalhos e realizar suas pesquisas mais elaboradas. A formação teórica e metodológica bastidiana, de enfoque pluralista,

⁷ Foi Lévi-Strauss, no livro *Tristes trópicos*, que proporcionou com detalhe as impressões dos jovens professores sobre as mudanças que ocorreram em suas vidas: "[...] jovens professores que mal acabávamos de estreitar em nossos liceus do interior e que o capricho um pouco perverso de Georges Dumas ia bruscamente transferir da úmida invagem nas pensões de cidades pequenas, entranhadas por um cheiro de grogue, porão e sarmentos apagados, para os mares tropicais e navios de luxo" (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.17).

⁸ Antonio Candido, no artigo 'A revolução de 1930 e a cultura', publicado no livro *A educação pela noite e outros ensaios* (2000), ressalta com muita propriedade todas as manifestações ocorridas na década de 1930 no Brasil nos setores educacional, artístico, literário, estudos históricos e sociais e meios de difusão cultural.

⁹ Gaston Richard, pensador francês pouco conhecido no Brasil, publicou vários livros: *La sociologie générale et les lois sociologiques* (1912), *L'évolution des mœurs* (1924), *La conscience morale* (1937) e *La loi morale, les lois naturelles et la loi sociale* (1937).

teve no Brasil campo para se firmar e transformá-lo em um pensador sem filiação a paradigmas. Segundo lembra Roberto Cardoso de Oliveira (1988), são geralmente os mais fecundos pensadores aqueles que não se filiam a nenhum paradigma em especial, pois preferem viver a tensão enriquecedora existente entre eles. Esses cientistas acabam por se situar na fronteira entre os paradigmas, o que, entretanto, pode limitar o alcance de sua obra e de seu pensamento.

De fato, o que interessa aqui é identificar o estilo de Roger Bastide. Poder-se-ia afirmar que seu estilo pauta-se pela referência aos detalhes e também pela preocupação com diferentes temas e objetos de estudo? Além da pequena preocupação com qualquer tipo de especialização, Bastide não se deteve perante distinções, como uma das mais significativas, por exemplo, entre ciência e não-ciência? Sua preocupação como pensador estava centrada na compreensão dos fenômenos e não na elaboração de teorias complexas e muitas vezes pouco explicativas? O estilo bastidiano colaborou para a constituição de um perfil próprio às ciências sociais brasileiras?

Em nossa ótica, o conhecimento do estilo de Bastide permite acessar pontos relevantes de seu pensamento e também possibilita reconhecer o tipo de leitura feito no Brasil em relação às tradições antropológica e sociológica européias, visto que o pensador francês tomou-se um intérprete crítico das mesmas no país.

Tratamos anteriormente da sociologia pluralista e de perfil diferenciado elaborada por Bastide (BRAGA, 1994, 1996). A partir de diferentes fontes e procedimentos, Bastide postula uma relação diferenciada entre o sujeito e o objeto da pesquisa e propõe novo modo de introduzir determinados conceitos, noções e interpretações, na acepção estilística destacada por Gilles-Gaston Granger. Esse autor ressalta em sua *Filosofia do estilo* que "a prática científica parece pôr entre parênteses o individual e, por conseguinte, virar as costas ao *estilo*. Nada mais impessoal, menos individuado do que a Ciência. Não nos cansamos de repetir que ela só visa ao geral. Aparentemente, o sucesso universal da empresa científica seria até mesmo a morte do estilo" (GRANGER, 1974, p. 22). No entanto, não é o que acontece. Na ciência, o estilo pode ser percebido "como uma certa maneira de introduzir os conceitos de uma teoria, de encadeá-los, de unificá-los; de outro lado, como uma certa maneira de delimitar a carga intuitiva na determinação desses conceitos" (GRANGER, 1974, p. 30). Assim, pode-se falar de um estilo da matemática como de um estilo da sociologia, nos quais determinados sistemas operatórios, conceitos e associações estariam presentes. Nesse sentido, a leitura bastidiana da relação entre o cientista social e o seu objeto não corresponde à

seguida pela Escola Francesa de Sociologia (BEYLIER, 1977). Ao contrário, para o pensador, os fatos sociais necessitam ser entendidos a partir da atividade humana e dos interesses que os motivam. O cientista social deve utilizar a observação participante, a observação controlada e a intuição poética como formas de aproximação da realidade social. O dom da empatia deve estar aliado à sensibilidade poética como forma de aproximar o pesquisador o máximo possível de seu objeto.

O pesquisador - neste caso o cientista social - precisa necessariamente conhecer, no sentido gadameriano¹⁰, os preconceitos positivos e negativos que cercam suas escolhas e seus objetos. Tem que estar a par dos motivos de suas escolhas, de suas preferências por tais objetos e dos valores presentes em suas análises. A solução bastidiana para o enfrentamento dessa situação é justamente o conhecimento do método psicanalítico, que permite o uso da observação controlada.¹¹

Um pesquisador que propõe a intuição poética é certamente um pensador no mínimo inovador, original. Neste contexto, Bastide foi olhado com certo receio, uma vez que provocou questionamentos sobre a prática sociológica durkheimiana, ainda predominante. Mas o que seria o uso da intuição poética pelo pesquisador? Em pequeno texto publicado em 1946, Bastide apresenta de forma peculiar esse procedimento, também presente em textos anteriores. Por meio de conversa com um crítico imaginário, Bastide argumenta que, apesar do uso da poesia como método sociológico ser considerado uma tendência grave, a poesia e a literatura têm muito a oferecer aos sociólogos, pois "propõem métodos de trabalho, habituam-nos a certas maneiras em geral por nós pouco utilizadas para penetrar o social" (BASTIDE, 1983, p. 81).

O sociólogo não deve apenas adequar os fenômenos em determinados quadros, mas mergulhar no seu objeto por meio da intuição poética. É preciso

¹⁰ Para Hans-Georg Gadamer (1997), a tarefa hermenêutica reside em primeiro lugar em compreender os preconceitos que cercam o texto. O preconceito é visto nesse momento como uma opinião prévia que tanto pode ser negativa como positiva. Esses podem se originar em duas fontes: na autoridade ou respeito humano e na precipitação.

¹¹ Bastide, desde o início de sua carreira acadêmica, sempre esteve muito próximo da teoria psicanalítica, tendo inclusive publicado um livro que tratou da possibilidade da *socioanálise*, ou seja, a estruturação de uma nova ciência a partir da sociologia e da psicanálise. Trata-se do livro *Sociologia e psicanálise*, fruto de vários cursos realizados na USP e publicado em 1948 no Brasil.

aproximar-se do seu objeto, não se transformando nele, pois isto não é possível, mas, "apelando para um ato de amor, transcender nossa personalidade para aderir à alma que está ligada ao fato a ser estudado" (BASTIDE, 1983, p. 84). A complexidade social exige o uso de métodos variados, entre os quais o método poético. Bastide denomina esse procedimento de princípio dos projetores convergentes, no qual o objeto é analisado a partir de diferentes faces. Se a sociologia pretende apenas conhecer o racional na sociedade, ela será uma ciência parcial. Para ser uma ciência total a sociologia deve utilizar também a intuição poética, que possibilita conhecer os elementos irracionais, o imaginário e o inconsciente coletivo. O sociólogo precisa utilizar a expressão poética no sentido de uma poesia sociológica, que tem o objetivo de oferecer a imagem mais exata da sociedade. Nas palavras de Bastide:

Trata-se pois de uma expressão poética especial – a expressão da poesia sociológica. (...) A expressão poética é uma forma de exatidão científica. Ela só intervém quando a detém uma seriação conceitual, ela não deve intervir onde não tenha o que fazer. A sociologia é exatamente aquele edifício de relações racionais do qual o senhor falava (o crítico imaginário], um conjunto de conceitos e de leis, de pesquisas causais e de definições objetivas. Mas uma linha melódica deve cercar esse conjunto para dar a impressão do que existe em toda a sociedade de vida, de harmonia, ou mesmo de notas falsas, enfim, de vida criadora, de sua organização em movimento. de seu equilíbrio no decorrer dos tempos. (...) É essa poesia tão diferente – a poesia sociológica - que eu tentava traduzir. Neste caso a poesia não é tração, mas a vontade de alcançar uma fidelidade mais precisa. (BASTIDE, 1983. p. 86-87).

O estilo bastidiano aproxima-se, assim, do modelo epistemológico nomeado por Carlo Ginzburg (1989) de *indiciário*. Segundo o historiador italiano, esse paradigma emergiu de forma silenciosa no fim do século XIX e provavelmente trouxe a mediação para a contraposição racionalismo e irracionalismo. Os primeiros artigos que sinalizaram para esse novo método são de autoria de Giovanni Morelli e tratam da pintura italiana. Em sua análise, Morelli defendeu que era preciso tratar dos detalhes e dos pormenores dos quadros, tais como as unhas, os lóbulos das orelhas, as formas dos dedos da mão e dos pés para, então, poder indicar ou reconhecer o pintor ou a sua escola. Desacreditado e muito criticado, o método de

Morelli, segundo Ginzburg, só foi reabilitado por E. Wind, que percebeu naquele uma abordagem moderna das obras de arte.

Essa ênfase nos detalhes seria mais tarde um dos pontos centrais da psicanálise. Para Ginzburg (1989, p. 148), "Freud declarou de maneira ao mesmo tempo explícita e reticente a considerável influência intelectual que Morelli exerceu sobre ele, numa fase muito anterior à descoberta da psicanálise". O contato de Freud com os textos de Morelli, que data provavelmente de 1883, foi aprofundado na década seguinte e proporcionou o encontro com um método baseado em resíduos e dados marginais de caráter revelador. Entretanto, Ginzburg defende que a proximidade das análises de Morelli e Freud deve-se aos fatos de que o paradigma indiciário teve campo fértil para sua emergência nesse período e de que suas raízes remontam a muitos séculos atrás.

Ginzburg recupera a história da formação desse paradigma e as dificuldades de tratar o quantitativo e o qualitativo durante o período de estruturação das ciências.

No caso das ciências sociais, isso ficou patente porque "a impossibilidade da quantificação derivava da presença ineliminável do qualitativo, do individual; e a presença do individual, do fato de que o olho humano é mais sensível às diferenças (talvez marginais) entre os seres humanos do que às diferenças entre as pedras ou as folhas" (GINZBURG, 1989, p. 166). Os nós e os dilemas epistemológicos das ciências humanas advindos dessas peculiaridades foram objeto de muitos debates e polêmicas durante o século XX e alcançam os dias atuais, apesar de terem hoje diminuído de intensidade e importância.

Bastide insere-se nesse contexto de emergência do paradigma indiciário e assume postulados que remetem a esse olhar que prima pelo detalhe e pelo que é considerado pouco relevante. O pensador pluralista no qual Bastide se transformou pode ter seu local e data de nascimento bem demarcado: o Brasil dos anos 1930 e 1940. Ora estudando a poesia afro-brasileira, a literatura, as religiões, ora dialogando com Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, ou então sendo o mestre, o orientador e o colaborador de Gilda de Mello e Souza, Antonio Candido, Florestan Fernandes, Ruy Coelho, Lourival Gomes Machado, Maria Isaura Pereira de Queiroz, entre vários outros, Bastide ocupou uma posição essencial nas ciências sociais e no cenário intelectual brasileiro. No entanto, seu pensamento figura ainda em espaço secundário no âmbito das ciências sociais, em especial nos anos posteriores a sua morte.

2 Claude Lévi-Strauss, o Brasil e o estruturalismo

Intelectual de maior projeção nas ciências sociais nesse último século ainda vivo, Lévi-Strauss é considerado o fundador do estruturalismo, orientação predominante em diversas áreas do conhecimento nas últimas décadas. Belga de nascimento, Lévi-Strauss mudou-se ainda jovem para a França. Graduou-se em direito na Universidade de Paris e pouco depois continuou seus estudos dedicando-se à filosofia. Em seguida, doutorou-se em letras. No início dos anos 1930, trabalhou como professor nos liceus de Mont-de-Marsan e Laon por aproximadamente dois anos e, em meados dessa mesma década, aceitou o cargo de professor de sociologia na Universidade de São Paulo, graças à influência de Célestine Bouglé, filósofo e diretor da École Normale Supérieure.¹²

Durante o período no qual permaneceu no país, fez várias pesquisas e expedições etnográficas ao Centro-Oeste e à Amazônia. Apesar de ter relutado durante mais de quinze anos para relatar sua experiência no Brasil, Lévi-Strauss o faz de forma muitas vezes literária, ao mesmo tempo em que avalia “o papel involuntário que íamos desempenhar na evolução da sociedade brasileira” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 19). Ao ser convidado para integrar a missão francesa, a imagem do Brasil para o antropólogo, naquele momento, era de um país exótico, repleto de palmeiras, construções arquitetônicas estranhas e aromas fortes. A promessa de Célestine Bouglé, dado o interesse etnográfico de Lévi-Strauss, era de que os arredores da cidade de São Paulo estavam ainda repletos de índios, podendo até estudá-los nos fins de semana. Essa paisagem exótica do país foi sendo aos poucos desconstruída a partir de outras informações que Lévi-Strauss recebeu e, é claro, pela sua própria experiência.¹³

¹² Além de Célestine Bouglé, destaca-se de forma fundamental na organização da primeira missão francesa George Dumas, filósofo, médico e psicólogo francês, de quem Lévi-Strauss foi aluno.

¹³ Gilda de Mello de Souza, aluna de Lévi-Strauss no período, comenta, em depoimento concedido à autora em 26.5.1994, que o antropólogo, em sua opinião, teve dificuldades em compreender uma identidade e uma paisagem completamente diferentes. “Um dos nomes fundamentais do século XX é o Lévi-Strauss, mas diante de uma paisagem tão diferente como o Rio de Janeiro, de uma identidade tão diferente como a brasileira, ele provavelmente fracassaria. Ele poderia entender bem o índio, que era uma cultura completamente diversificada, mas uma cultura a cavaleiro de várias influências como a brasileira, da indígena, da africana, da portuguesa e uma paisagem tão diferente da Europa, as vezes que ele opinou, opinou mal. Ele opinou mal, por exemplo, quando chegou no Rio de Janeiro, que todo mundo fica fascinado, ele ficou horrorizado com tanta pedra na paisagem, aquela paisagem que ele não tinha visto coisa igual, uma coisa de outro planeta. Então, não havia no Lévi-Strauss esse mímismo, digamos essa capacidade de se adaptar a uma realidade profundamente diferente, seja ela visual, literária ou de identidade”.

Morelli, segundo Ginzburg, só foi reabilitado por E. Wind, que percebeu naquele uma abordagem moderna das obras de arte.

Essa ênfase nos detalhes seria mais tarde um dos pontos centrais da psicanálise. Para Ginzburg (1989, p. 148), "Freud declarou de maneira ao mesmo tempo explícita e reticente a considerável influência intelectual que Morelli exerceu sobre ele, numa fase muito anterior à descoberta da psicanálise". O contato de Freud com os textos de Morelli, que data provavelmente de 1883, foi aprofundado na década seguinte e proporcionou o encontro com um método baseado em resíduos e dados marginais de caráter revelador. Entretanto, Ginzburg defende que a proximidade das análises de Morelli e Freud deve-se aos fatos de que o paradigma indiciário teve campo fértil para sua emergência nesse período e de que suas raízes remontam a muitos séculos atrás.

Ginzburg recupera a história da formação desse paradigma e as dificuldades de tratar o quantitativo e o qualitativo durante o período de estruturação das ciências.

o caso das ciências sociais, isso ficou patente porque "a impossibilidade da quantificação derivava da presença ineliminável do qualitativo, do individual; e a presença do individual, do fato de que o olho humano é mais sensível às diferenças (talvez marginais) entre os seres humanos do que às diferenças entre as pedras ou as folhas" (GINZBURG, 1989, p. 166). Os nós e os dilemas epistemológicos das ciências humanas advindos dessas peculiaridades foram objeto de muitos debates e polêmicas durante o século XX e alcançam os dias atuais, apesar de terem hoje diminuído de intensidade e importância.

Bastide insere-se nesse contexto de emergência do paradigma indiciário e assume postulados que remetem a esse olhar que prima pelo detalhe e pelo que é considerado pouco relevante. O pensador pluralista no qual Bastide se transformou pode ter seu local e data de nascimento bem demarcado: o Brasil dos anos 1930 e 1940. Ora estudando a poesia afro-brasileira, a literatura, as religiões, ora dialogando com Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, ou então sendo o mestre, o orientador e o colaborador de Gilda de Mello e Souza, Antonio Candido, Florestan Fernandes, Ruy Coelho, Lourival Gomes Machado, Maria Isaura Pereira de Queiroz, entre vários outros, Bastide ocupou uma posição essencial nas ciências sociais e no cenário intelectual brasileiro. Entretanto, seu pensamento figura ainda em espaço secundário no âmbito das ciências sociais, em especial nos anos posteriores a sua morte.

2 Claude Lévi-Strauss, o Brasil e o estruturalismo

Intelectual de maior projeção nas ciências sociais nesse último século ainda vivo, Lévi-Strauss é considerado o fundador do estruturalismo, orientação predominante em diversas áreas do conhecimento nas últimas décadas. Belga de nascimento, Lévi-Strauss mudou-se ainda jovem para a França. Graduou-se em direito na Universidade de Paris e pouco depois continuou seus estudos dedicando-se à filosofia. Em seguida, doutorou-se em letras. O início dos anos 1930, trabalhou como professor nos liceus de Mont-de-Marsan e Laon por aproximadamente dois anos e, em meados dessa mesma década, aceitou o cargo de professor de sociologia na Universidade de São Paulo, graças à influência de Celestine Bouglé, filósofo e diretor da École Normale Supérieure."

Durante o período no qual permaneceu no país, fez várias pesquisas e expedições etnográficas ao Centro-Oeste e à Amazônia. Apesar de ter relutado durante mais de quinze anos para relatar sua experiência no Brasil, Lévi-Strauss o faz de forma muitas vezes literária, ao mesmo tempo em que avalia "o papel involuntário que íamos desempenhar na evolução da sociedade brasileira" (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 19). Ao ser convidado para integrar a missão francesa, a imagem do Brasil para o antropólogo, naquele momento, era de um país exótico, repleto de palmeiras, construções arquitetônicas estranhas e aromas fortes. A promessa de Celestine Bouglé, dado o interesse etnográfico de Lévi-Strauss, era de que os arredores da cidade de São Paulo estavam ainda repletos de índios, podendo até estudá-los nos fins de semana. Essa paisagem exótica do país foi sendo aos poucos desconstruída a partir de outras informações que Lévi-Strauss recebeu e, é claro, pela sua própria experiência.¹³

¹² Além de Celestine Bouglé, destaca-se de forma fundamental na organização da primeira missão francesa George Dumas, filósofo, médico e psicólogo francês, de quem Lévi-Strauss foi aluno.

¹³ Gilda de Mello de Souza, aluna de Lévi-Strauss no período, comenta, em depoimento concedido à autora em 26.5.1994, que o antropólogo, em sua opinião, teve dificuldades em compreender uma identidade e uma paisagem completamente diferentes. "Um dos nomes fundamentais do século XX é o Lévi-Strauss, mas diante de uma paisagem tão diferente como o Rio de Janeiro, de uma identidade tão diferente como a brasileira, ele provavelmente fracassaria. Ele poderia entender bem o índio, que era uma cultura completamente diversificada, mas uma cultura a cavaleiro de várias influências como a brasileira, da indígena, da africana, da portuguesa e uma paisagem tão diferente da Europa, as vezes que ele opinou, opinou mal. Ele opinou mal, por exemplo, quando chegou no Rio de Janeiro, que todo mundo fica fascinado, ele ficou horrorizado com tanta pedra na paisagem, aquela paisagem que ele não tinha visto coisa igual, uma coisa de outro planeta. Então, não havia no Lévi-Strauss esse mimetismo, digamos essa capacidade de se adaptar a uma realidade profundamente diferente. seja ela visual, literária ou de identidade".

Para Fernanda Peixoto (1992), *Tristes trópicos* tem como base principal de reflexão a impossibilidade da experiência, pois o Brasil sonhado por Lévi-Strauss é composto por índios ainda encontrados em estado de "pureza" e não já degradados pelo contato com o mundo ocidental. A viagem assume a dimensão de uma experiência constitutiva do trabalho antropológico, a viagem sonhada como aventura e a viagem vivida, a viagem como exploração da alteridade, logo da busca e constituição da identidade, a viagem como experiência sociológica, como memória e narrativa. A etnologia, assim, está inevitavelmente ligada ao ato de viajar, porque é um meio de acesso a outras culturas, ferramenta fundamental de conhecimento de outros povos e de si mesmo.

As leituras de *Tristes trópicos* podem ser feitas de várias formas, segundo destaca Peixoto, de forma literária e filosófica e como uma descrição etnográfica. Escrito quinze anos após sua estada no Brasil, o livro nasceu de encomenda em um momento no qual o percurso acadêmico de Lévi-Strauss estava em compasso de espera. Não havia conseguido ingressar no College de France nas duas primeiras tentativas, em 1949/1950, e ocupava a subdireção no Musée de l'Homme, em Paris. De imediato, *Tristes trópicos* teve calorosa acolhida no meio filosófico e literário francês e foi recebido com reservas entre os antropólogos.¹⁴

As bases de sua formação intelectual e da opção pela etnologia são explicitadas com bastante ênfase ao refletir sobre as tradições científicas que repercutiram em sua vida. Lévi-Strauss enfatiza que sua escolha inicial pela filosofia ocorreu muito mais em decorrência da rejeição a outras disciplinas do que propriamente pela sua vocação intelectual. Percebeu durante os cinco anos de curso na Sorbonne que a abordagem dos problemas priorizados por esta área de conhecimento "exercitava a inteligência ao mesmo tempo em que ressecava o espírito" (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 50). Para ele, havia o perigo imaneente de a filosofia se ater somente aos exercícios da construção do espírito. Essas preocupações estenderam-se durante o período em que lecionou nos liceus e levaram-no a perceber que tinha dificuldades em se fixar no mesmo objeto, visto

¹⁴ Para Peixoto (1992) Lévi-Strauss faz sua autobiografia intelectual, e fundamentalmente descreve suas viagens para dentro: o encontro com o pesquisador e não com os trópicos. E a tristeza decorre da nostalgia e da decepção com um exotismo que não existe mais. Os trópicos são tristes porque são decaídos – a paisagem. as cidades. a elite e os índios.

que, conforme a sua própria constatação, teria que repetir o curso elaborado no primeiro ano como professor, indefinidamente. Essa incapacidade acabou por aproximar Lévi-Strauss da etnologia, que guardava muitas afinidades com seu próprio pensamento: "tenho uma inteligência neolítica. Semelhante às queimadas indígenas, ela abrasa solos por vezes inexplorados; fecunda-os talvez para extrair-lhes às pressas algumas colheitas, e deixa atrás de si um território devastado." (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 51).

Paralelamente, Lévi-Strauss teve contato com a teoria psicanalítica. A aproximação com a psicanálise ocorreu justamente porque, assim como o estruturalismo, essa ciência privilegiou o inconsciente, ponto fundamental para o método estruturalista. O primeiro grande objeto de estudo de Lévi-Strauss, a proibição do incesto, presente em sua obra *As estruturas elementares do parentesco*, acabou por distanciá-lo de Durkheim e aproximá-lo de Freud. Cabe destacar que também dos antropólogos defensores do relativismo cultural, em especial Franz Boas, retirou a ênfase na natureza inconsciente dos fenômenos culturais e a necessidade de leis da linguagem para o entendimento dessa estrutura inconsciente, conforme observa François Dosse (1993).

O contato com Freud aconteceu muito cedo, ainda nos anos 1920, quando por meio de um colega de liceu teve acesso ao que já havia sido traduzido da obra psicanalítica na França. Entretanto, é preciso distinguir as várias relações mantidas por Lévi-Strauss com a psicanálise. Primeiro, suas leituras iniciais foram fundamentais para o posterior desenvolvimento do estruturalismo, com a descoberta de que é preciso ir além dos fenômenos manifestos, à procura das causas mais profundas e iluminadoras. Por outro lado, a definição de inconsciente por Lévi-Strauss foi diferenciada daquela compreendida por Freud. O inconsciente estruturalista é vazio, a-histórico, é um conjunto de estruturas, ao contrário do inconsciente freudiano, que é repleto de imagens, recordações, que contém a história individual de cada ser.

A psicanálise, paralelamente ao marxismo¹⁵, que conheceu ainda jovem, e sua paixão pela geologia possibilitaram que o aprendiz de etnógrafo compreendesse que a verdadeira realidade estava além do aparente, revelando-se muito mais naquilo

¹⁵ Segundo Dosse (1993), Lévi-Strauss, nos anos 1920, participou de grupos de estudos socialistas, foi secretário da Federação de Estudantes Socialistas e secretário de um deputado socialista.

que se desejava ocultar. Essas revelações, assim denominadas por ele, ocorreram por volta de 1933 e 1934, pouco antes de sua vinda para o Brasil. Apesar da expectativa dos dirigentes da Universidade de São Paulo de que os professores franceses contribuíssem para a maior divulgação da sociologia durkheimiana, Lévi-Strauss recorda-se de que chegou ao país em guerra declarada contra Durkheim e qualquer utilização metafísica da sociologia. Isso contribuiu para as várias críticas feitas a ele e o seu posterior desligamento dos quadros da Universidade.

Em 1938, Lévi-Strauss retomou à França. No início da Segunda Guerra, trabalhou em dois liceus franceses, Perpignan e Henri IV, além de ter sido professor em Montpellier. Em 1941, houve um evento que encarnou, em certa medida, um aspecto considerado essencial por nós, que é a necessidade de levar em conta a dimensão do acaso na análise de trajetória dos cientistas sociais." A Fundação Rockefeller elaborou, nesse período, um plano de resgate de cientistas europeus que estavam ameaçados pela ocupação alemã. Lévi-Strauss recebeu um convite para lecionar na *New School for Social Research* de Nova York. Entretanto, seu interesse, de imediato, era dar continuidade a suas pesquisas no Brasil. Ocorreu, porém, que, ao solicitar o visto na embaixada brasileira, no momento da assinatura do embaixador Luís de Sousa Dantas, tal poder lhe foi retirado, o que impediu a ida de Lévi-Strauss para o Brasil e levou-o para os Estados Unidos. Enfim, apesar de ter optado pela volta ao Brasil, o antropólogo, por um acaso, teve que rever seus planos e fazer novas escolhas.

Durante o período nos EUA, lecionou na *New School for Social Research* e foi conselheiro cultural da Embaixada da França. Nesse país, conheceu Roman Jakobson, que lhe revelou a lingüística estrutural. O próprio Lévi-Strauss aponta a contribuição expressiva desse encontro com o lingüista: "Eu era na época uma espécie de estruturalista simplista. Fazia estruturalismo sem o saber. Jakobson revelou-me a existência de um corpo de doutrina já constituído numa disciplina: a lingüística, que eu já praticara. Para mim, foi uma revelação" (LÉVI-STRAUSS apud DOSSE, 1993, p. 43). Essas revelações levaram a uma definição rigorosa do programa estruturalista, cuja base de apoio foi a lingüística, vista como uma ciência-modelo. Ocorre uma ruptura epistemológica fundamental, com a adoção do modelo lingüístico, pois este possibilita à antropologia recusar a filiação naturalista

¹⁶ Em relação à noção de acaso, Agnes Heller e Ferenc Féher (1994, p. 52) explicitam o poder da contingência que "cruza nossos objetivos, ridiculariza nossos sonhos ou os realiza milagrosamente".

ainda dominante naquele momento na França. Os anos seguintes tornaram-se produtivos para o estruturalismo, particularmente a partir de 1948, com a publicação de *As estruturas elementares do parentesco*. Visto como um momento fundador, o lançamento da tese de Lévi-Strauss desencadeou uma "febre estrutural" que só passaria anos mais tarde.

De volta à França, em 1949, Lévi-Strauss foi nomeado diretor do Musée de L'homme e depois da École Pratique des Hautes Études. Apesar do êxito inicial de sua tese, o pensador francês não conseguiu ingressar de imediato no Collège de France. Somente em 1959 tornou-se professor da cadeira de antropologia social do Collège.

A mudança de olhar, não mais naturalista e sim cultural, leva a antropologia estrutural a um novo patamar: o simbólico. Segundo Giles Deleuze (1982), o estruturalismo recusa-se a confundir o simbólico com o imaginário, pois o primeiro é um princípio lógico que se encontra na gênese e pode ser definido como "a produção do objeto teórico original e específico" da antropologia estrutural. Qual a inovação fundamental de Lévi-Strauss e do método estruturalista? Com a apresentação de sua tese *As estruturas elementares do parentesco*, em 1948, o pensador deu o salto na antropologia francesa ao romper com as filiações naturalistas e biológicas presentes na disciplina. Foram lançadas as bases culturais de um novo patamar da ciência antropológica, apoiada no método estrutural a partir da lingüística.

A revolução lévi-straussiana consiste em desbiologizar o fenômeno, em retirá-lo tanto do esquema simples da consanguinidade quanto de considerações morais etnocêntricas. A hipótese estruturalista procede aí a um deslocamento do objeto para restituir-lhe plenamente o seu caráter de transação, de comunicação que se instaura com a aliança matrimonial. Situa as relações de parentesco como base primeira da reprodução social (DOSSE, 1993, p. 40).

Supera, assim, as teses biológicas de Radcliffe-Brown, seu antecessor nos estudos de parentesco.¹⁷ Os desdobramentos do estruturalismo nas duas décadas

¹⁷ No momento do lançamento e divulgação dessa obra, pode-se perceber a insinuação mais uma vez do acaso no percurso de Lévi-Strauss. A primeira resenha de *As estruturas elementares do parentesco* foi justamente feita por Simone de Beauvoir e publicada na revista *Les Temps Modernes*, em 1949, órgão máximo de divulgação do existencialismo, movimento que rivalizava e disputava espaço intelectual e acadêmico com o estruturalismo. Conferir Dosse (1993, p.45).

seguintes são arrebatadores, atingindo várias áreas do conhecimento. Inscrito na tradição coletivista, o estruturalismo recebe adesões irrestritas durante um período em que todas as explicações passam pelo modelo lévi-straussiano e posteriormente pelas adequações e atualizações de seus seguidores mais significativos, como Lacan, Barthes, Foucault e Althusser.

Os primeiros sinais de mudança do pêndulo podem ser localizados no fim dos anos 1960, particularmente com a eclosão das revoltas estudantis na França. O estruturalismo, nesse momento, já começa a sofrer uma série de críticas e reveses. O programa estrutural não recebe mais a adesão incondicional em vários campos científicos, apesar de várias de suas noções terem sido incorporadas ao patrimônio da ciência. A meta primordial do estruturalismo, que consistia em reunir as ciências humanas por meio de um método comum, não se coloca mais. Assim como o marxismo, o estruturalismo durante as décadas de 1970 e 1980 perde cada vez mais hegemonia e se vê diante da fragmentação disciplinar. Os pequenos estudos voltam à cena renovados e não é possível falar de grandes modelos explicativos. A morte de vários expoentes do estruturalismo - Nicos Poulantzas, Roland Barthes, Jacques Lacan e Michel Foucault - no início da década de 1980 só acelera a crise vivida pelo movimento.

Todavia, Claude Lévi-Strauss não é diretamente atingido e permanece coordenando o Laboratório de Antropologia Social no College de France, com a continuidade de várias pesquisas inspiradas em seu método. A perenidade do velho mestre estruturalista pode ser vista inclusive na entrevista de Lévi-Strauss concedida a Luiz Tarjei de Aragão em 1996.¹⁸ Lévi-Strauss, apesar de seus 89 anos naquela época, continuava a freqüentar a Academia Francesa, da qual era membro há mais de vinte anos, e o College de France. A sua autoridade como mestre e fundador do estruturalismo estava ainda muito presente, conforme nos relata Aragão:

Apesar de ter feito uma sucessora, Françoise Héretier, e de ter passado a ela toda a parte logística e as responsabilidades institucionais do cargo de diretor do laboratório, Lévi-Strauss continua pontificando por onde transita, com seu perfil singular: mistura de grande rabino (como foi seu avô materno), de artista (como foi seu pai, pintor de reconhecido talento) e de pensador ensimesmado (o que ele é, em dominância). É preciso ver-se seus

¹⁸ Entrevista publicada no Caderno Mais!, jornal *Folha de São Paulo*, em 8 set. 1996.

colaboradores de pesquisa e a maneira formal e recolhida com que se aproximam dele: apesar de passar o cetro, continua pontífice.

3 O encontro entre Bastide e Lévi-Strauss: em busca da razão perdida

Claude Lévi-Strauss teve em Roger Bastide um leitor e um comentador atento e constante. Não se pode dizer certamente o mesmo de Lévi-Strauss em relação a Bastide. Em entrevista concedida a André Mary e Claude Ravelet, em 1994, Lévi-Strauss lembra que suas relações com Bastide eram distantes e que se encontraram poucas vezes durante várias décadas. Além disso, Lévi-Strauss ressalta que seus interesses eram distintos e se orientavam para o estudo de culturas não sincréticas, ao contrário de Bastide. Lévi-Strauss aponta que mais duas diferenças existiram entre os dois pensadores: primeiro, o interesse pela África, que não era compartilhado por Lévi-Strauss; e segundo, a dedicação de Bastide ao estudo das religiões africanas, tema que também não o atraía.

Mesmo assim, apesar de pertencerem a famílias de pensamento distintas e terem elaborado obras de perfil e estilo completamente distantes, Lévi-Strauss salienta que Bastide era um pensador aberto a todo tipo de contribuição e que ambos, tanto na França quanto no Brasil, não tiveram muitas oportunidades de encontro e diálogo. Em 1947, Georges Gurvitch organizou o livro *La sociologie au XX^o siècle*, com artigos de vários autores sobre a situação da sociologia na Europa, na América Latina e nos Estados Unidos. Para tratar da sociologia francesa, o autor convidado foi Lévi-Strauss; e, por sua vez, para avaliar a sociologia sul-americana foi escolhido Bastide. Esses dois artigos são relevantes porque mostram o ponto de vista de onde falavam Bastide e Lévi-Strauss no fim da década de 1940. No artigo 'La sociologie française', Lévi-Strauss avalia o interesse renovado pela sociologia em razão das contribuições de Émile Durkheim nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX. Vista mais como um método ou uma atitude frente aos fenômenos humanos, a sociologia francesa teve no seu universalismo, na ótica de Lévi-Strauss, uma contribuição para a efetiva renovação das ciências humanas nesse período. Em sua relação com as outras ciências, houve momentos de colaboração e também de conflito. Por exemplo, nas obras de Durkheim e Mauss, há constante interlocução entre a sociologia e a etnologia, pois a análise etnográfica dos fenômenos sociais levaria a uma síntese explicativa que mostraria como as formas modernas originam-se das formas simples.

Por outro lado, Bastide considera que Lévi-Strauss coloca a sociologia em uma posição de simples instrumento da ciência mais vasta, que seria a antropologia. Em sua ótica, isso constitui grande perigo para a análise sociológica, pois desloca o enfoque, com a ênfase na infra-estrutura intelectual em detrimento da dimensão social. Para mostrar com maior detalhe o risco presente na análise levi-straussiana, Bastide compara com as idéias de Gurvitch sobre a sociologia em profundidade:

Lévi-Strauss liga diretamente a camada das estruturas sociais ou das instituições ao pensamento humano, sem passar pelo estrato dos valores, dos símbolos ou das livres correntes do pensamento coletivo. É que para ele, uma vez que os valores são freqüentemente trocados por outros e mesmo freqüentemente substituíveis (quer dizer que valores diversos podem substituir-se na mesma operação), o que importa não são os valores, mas a estrutura dessa operação ou técnica operatória, reveladora, aqui também, do comportamento intelectual. Ou ainda, a propósito de símbolos, para Lévi-Strauss, o símbolo é mais importante do que o que simboliza, e o que lhe interessa é o uso que a sociedade faz desses símbolos, qualquer que seja a sua significação. (BASTIDE, 1950, p. 62).

Apesar de tal divergência, Bastide compreende que é possível aproximar e conciliar a antropologia de Lévi-Strauss com a sociologia. No entanto, o próprio Lévi-Strauss, ao adotar um intelectualismo extremo, não se propõe a realizar semelhante acordo, o que dificulta a existência de uma relação equilibrada entre as duas ciências, aspecto que Bastide desejava ver contemplado nas obras seguintes de Lévi-Strauss.

Seis anos mais tarde, em 1956, Bastide analisa a obra *Tristes trópicos* para a revista *Pr éence Africaine*. Nessa ocasião, *Tristes trópicos* pareceu para Bastide uma síntese das inquietações do etnólogo no mundo moderno. A exemplo de Marcel Proust, Lévi-Strauss está à procura de uma etnografia do tempo perdido. Sua etnografia, que se aproxima da obra proustiana pelo tipo de abordagem e de tema, pretende encontrar traços de uma civilização que há muito tempo se encontra morta, o que é somente possível pela decodificação de signos privilegiados desse passado, como a língua e a escrita. Segundo Bastide, enquanto as imagens do passado para Proust são gustativas, as de Lévi-Strauss são minerais e duras, pautadas pela procura de modelos que expliquem as regras de parentesco, as trocas sociais e as formas de estratificação social. Percebe-se assim que mesmo

destacando as inovações de Lévi-Strauss e a qualidade de seus escritos, Bastide demarcava as diferenças de sua orientação teórica daquela adotada pelo antropólogo francês. É o que está também presente no artigo 'La pensée obscure et confuse', publicado originalmente em 1965. Nesse artigo, Bastide pretende realizar uma comparação entre as idéias de Lévi-Strauss e Maurice Leenhardt. No entanto, parece que Bastide compara suas próprias idéias com as de Lévi-Strauss. Segundo Bastide, ao buscar as estruturas humanas essenciais por meio do problema dos valores, Lévi-Strauss estaria de fato exercendo a busca das regras puras da inteligência, seja entre os mitos, seja entre a ciência.

Lévi-Strauss não se dispõe a correr qualquer tipo de risco intelectual. Não lhe interessam os abismos nem tampouco os sentimentos irracionais. Pode-se dizer que Lévi-Strauss estava empenhado em construir uma nova antropologia, cujas linhas gerais foram reconhecidas por Bastide: rejeição dos valores que fornecem objetivos às regras; rejeição das significações que não são mais que ideologias ou superestruturas; distanciamento dos sentimentos e da religiosidade, que são conteúdos manifestos; esforço por colocar à distância os objetos culturais para estudar os modos de relação entre esses objetos; e dedução transcendental da alteridade a partir da identidade humana. Por meio da comparação entre as idéias de Lévi-Strauss e Leenhardt, Bastide mostra assim que os dois antropólogos trabalharam de forma distinta o pensamento obscuro e irracional, mas também postularam a mesma orientação ao tratar do valor da razão na sociedade capitalista moderna, que na ótica bastidiana constituía-se na mais recente mistificação.

Segundo salientamos um pouco antes, Bastide de fato demarca as diferenças do seu pensamento em relação aos outros dois autores, em especial a Lévi-Strauss, como ao mostrar, por exemplo, que uma das leis do pensamento confuso é que este vai ao encontro da realidade, na qual tudo é anterior às partes e determina o comportamento das partes, não sendo, portanto, um pensamento inadequado, como enxergava Lévi-Strauss. Mesmo que a sociedade ocidental rejeite a confusão e a obscuridade que estão presentes nessa forma de pensamento, ela não pode ser considerada um pensamento inferior ou um conhecimento de **segunda** ordem. Bastide lembra que esse conhecimento de outro gênero possui um princípio regulador, que é o de corte, que permite a existência de um jogo sutil entre o diferente e o idêntico, um conhecimento que se pauta pela dialética entre o um e o outro. Tal aspecto foi ressaltado por André Mary (1994), que examinou as relações entre os dois pensadores no tocante à teoria bastidiana sobre o sincretismo e ao paradigma estruturalista e a idéia do *brico/age*.

Após analisar rapidamente outros autores e suas respectivas contribuições e filiações, Lévi-Strauss detém-se em Durkheim e Mauss por considerar que os dois exerciam influência considerável na sociologia francesa. De forma geral, a avaliação positiva desses dois autores está presente em todo o artigo, apesar de o autor rapidamente citar as críticas feitas por Kroeber, que atribuía à origem filosófica do grupo do *L'Année Sociologique* a dificuldade de fazer pesquisas empíricas. Para Lévi-Strauss, o objetivo essencial da Escola Francesa foi fornecer a verdadeira e única base da sociologia, que é a morfologia social, responsável pela constituição e classificação dos tipos sociais.

Marcel Mauss, que se colocou como um guardião da tradição durkheimiana, teve condições de ir mais longe que o seu mestre, pois além de se beneficiar do trabalho desbravador já realizado, possuía um espírito mais intuitivo e menos dogmático. Seu método de trabalho restringiu-se a poucos casos, o que o distanciou dos perigos que rondaram Durkheim e possibilitou estruturar a noção de fato social total, lembra Lévi-Strauss. Além disso, Mauss foi mais sensível à psicologia moderna e esteve atento para o estabelecimento de efetiva cooperação entre as ciências.

Antes de concluir o artigo, Lévi-Strauss trata da sociologia de Georges Gurvitch, que em sua concepção aliava-se a um grupo de pensadores independentes, composto também por Lucien Levy-Brühl. Destaca-se nessa análise que Gurvitch, ao contrário da Escola Francesa, visava superar as contradições e os conflitos existentes entre o pensamento sociológico e filosófico. Gurvitch não desejava se distanciar da origem filosófica da sociologia e sim atingir nova etapa de reflexão sobre os fenômenos sociais. Por fim, merece destaque no artigo de Lévi-Strauss o lugar destinado a Bastide nessa avaliação da sociologia francesa. Primeiramente, ao abordar a influência de Mauss sobre os novos teóricos e pesquisadores, são citadas a obra de Gurvitch, *Essais de sociologie*, de 1938, e a obra de Bastide, *Sociologie religieuse*, de 1935, como representantes desses novos tipos de trabalho." Segundo, um pouco mais adiante, ao tratar da nova geração de jovens sociólogos franceses, que atingira a maturidade no início dos anos 1930 e que havia renunciado ao trabalho unicamente teórico como forma de combater a lacuna de pesquisas existentes na França, Bastide é classificado, em nota de rodapé,

¹⁹ Lévi-Strauss cita o título incompleto da obra de Bastide, que, de fato, é *Éléments de sociologie religieuse*,

como um africanista, ao lado de Marcel Griaule, Michel Leiris, B. Maupoil e Denise Pauline. Pode-se perceber que os trabalhos produzidos por Bastide no Brasil a partir de 1938 não eram conhecidos na França ainda em 1947, momento no qual Lévi-Strauss (1947) elaborou seu balanço sobre a sociologia francesa.

Em relação ao artigo escrito por Bastide na mesma coletânea, sobre a sociologia na América Latina, inicialmente, após traçar painel da produção sociológica em alguns países e chamar a atenção para alguns autores e obras, ressalta as dificuldades no século XIX e no início do século XX quanto à existência de espíritos ainda formados por uma visão mais jurídica e literária do que propriamente científica segundo a ótica positivista. Dessa forma, o sincretismo teórico e metodológico tomou-se uma característica predominante nas escolas de sociologia na América Latina.

No caso do Brasil, é significativo o espaço concedido aos estudos sobre problema racial advindo da imigração de africanos, europeus e asiáticos, tema caro a Bastide. Para o autor, em uma visão otimista, a sociologia feita na América Latina já atingira uma etapa produtiva e estava em vias de construir seu próprio instrumental de análise e pesquisa (BASTIDE, 1947).

Dessa forma, mesmo distante do cenário acadêmico francês, Bastide leu e comentou freqüentemente as idéias de Lévi-Strauss. Em 1950, dois anos após o lançamento de *As estruturas e/elementares do parentesco*, era publicada na *Revista Anhembi* resenha assinada por Bastide sobre o livro. De início, Bastide avalia que Lévi-Strauss deu continuidade com sua obra às teorias de Mauss sobre as trocas sociais e que, ao rebater as teorias difusionistas, evolucionistas e funcionalistas, Lévi-Strauss propôs uma antropologia que pretende o conhecimento do homem em suas dimensões totais. "O grande mérito de Lévi-Strauss foi pois ter introduzido um princípio simples para pôr um pouco de ordem e de clareza numa das mais difíceis questões da sociologia. [...] Isto equivale a dizer que a sociologia de Lévi-Strauss é uma sociologia psicológica de tipo intelectualista: há leis do pensamento, há leis da afetividade." (BASTIDE, 1950, p. 60).²⁰

²⁰ Bastide tratou das idéias de Lévi-Strauss em vários artigos. Além dos já mencionados, podemos citar os demais textos presentes no número 7-8 da *Bastidiana*, de 1994, dedicado às relações entre os dois pensadores: "Mémoire collective et sociologie du bricolage", "Introduction à l'étude du mot 'structure'" e "Ethnologie et Psychanalyse",

Para Mary, Bastide apropriou-se com reservas da análise estruturalista nos seus estudos sobre o sincretismo: "Isto é, Bastide não recusa nos seus estudos sobre a lógica do sincretismo o aporte estruturalista. Mas, essa incorporação é feita a partir de um procedimento dialético, que se aproxima daquele defendido por Gaston Bachelard na sua filosofia do não" (MARY, 1994, p. 50).

É essa, então, a dificuldade de pensadores como Lévi-Strauss, que fazem antropologia marcada expressamente por nossa época, que ainda anseia pela impossível calma da razão. Na linhagem de Descartes e Kant, Lévi-Strauss revela-se um pensador que exprime o desejo pelo pensamento claro e distinto. Diferentemente, Bastide coloca-se contra essa última mistificação, que é o valor da razão acima de todas as outras formas de conhecimento, optando pela tempestade e pelas incertezas que estão presentes no outro e no alhures."

Em 1970, Bastide publica o artigo 'Le rire et les courts-circuits de la pensée', no qual se refere mais uma vez ao pensamento de Lévi-Strauss, com enfoque na oposição entre pensamento primitivo e pensamento civilizado. Presente na coletânea organizada em homenagem aos sessenta anos de Lévi-Strauss, a análise de Bastide pretende mostrar o riso como uma expressão do curto-circuito do pensamento." Em outras palavras, em uma atividade lúdica, o pensamento pode compreender as estruturas simbólicas presentes e alcançar a alteridade. Ao contrário do pensamento racional e classificatório, esse contra-pensamento por meio da quebra do jogo de palavras permite que nos aproximemos de um novo tipo de pensamento, o genético. O artigo mostra ainda que Bastide, apesar de incorporar e examinar de forma atenta e constante as idéias de Lévi-Strauss, em vários momentos, destaca suas

²¹ Fernanda Peixoto assinala esse aspecto: "É possível observar na obra de Bastide um especial interesse por formas díspares de racionalidade, resistentes a uma certa lógica, 'sociologia cartesiana', afeita às 'idéias claras e distintas'. O sonho, a loucura, a poesia, o misticismo etc., que compõem o repertório do autor, obrigam-no a mergulhar nas 'trevas da alteridade' e a percorrer as trilhas de um 'pensamento obscuro e confuso', assim como fizeram Lévy-Bruhl e Leenhardt." (PEIXOTO, 1998b, p. 212).

²² Conferir *Échanges et communications, Mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss*, Mouton, 1970, p. 953-963.

diferenças em relação ao enfoque intelectualista e racionalista da antropologia lévi-straussiana (BASTIDE, 1994c, p. 197-207).²³

O afastamento de Bastide em relação a Lévi-Strauss no tocante a esses aspectos é também corroborado por Maria Isaura Pereira de Queiroz, que ressalta que o sociólogo sempre discordou da predominância da perspectiva sincrônica em detrimento da diacrônica nas análises estruturalistas:

Neste ponto Roger Bastide se afastou definitivamente da velha Escola Francesa, preocupada com a permanência, com a ordem, com as estruturas, e implicitamente considerando o fluir através do tempo praticamente como uma anomalia que era preciso anular. Quanto mais considerava o que ocorria com os candomblés, do período da escravidão aos dias em curso, mais se capacitava de que, em toda análise sociológica, era necessário incluir, não apenas como parte integrante da totalidade social, e sim como parte essencial, o movimento - característica fundamental dos grupos, das sociedades, das coletividades. (PEREIRA DE QUEIROZ, 1983, p. 59).²⁴

o Brasil, o encontro entre os dois pensadores não aconteceu de fato. Bastide, ao substituir Lévi-Strauss na Cadeira de Sociologia em 1938 e permanecer longo período no país, fez uma opção acadêmica e intelectual que acabou por refletir, nas décadas seguintes, em sua inserção no campo acadêmico. Portanto, a presença do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss como autor e ator decisivo na institucionalização das ciências sociais no Brasil não se coloca. Trabalhamos com a hipótese de que Lévi-Strauss não ocupou inicialmente papel fundamental na matriz sociológica e antropológica brasileira, ao contrário de Bastide. Roberto Cardoso, em artigo já citado, sobre a matriz da antropologia brasileira, lembra que

²³ Jean Malaurie ressalta que "Bastide é um desses espíritos criadores aos quais a universidade francesa, os grandes centros e a opinião não souberam prestar a homenagem excepcional que mereciam. Era sua aversão pelos sistemas, a modéstia legendária de vida à sua educação de protestante das Cévennes? Ao contrário, a reticência dos colegas diante dessa montanha mágica que não cessa de crescer, universo de uma irracionalidade religiosa não ocidental, expressão do inefável [...]" (MALAURIE, 2001, p. 352).

²⁴ Ao contrário de Maria Isaura Pereira de Queiroz, Claude Ravelet, em sua tese, defende uma maior convergência de Bastide com as idéias de Lévi-Strauss. (RAVELET, 1978, p. 396).

tanto Lévi-Strauss quanto Radcliffe-Brown não tiveram presença significativa "enquanto atores no processo de desenvolvimento da disciplina no país. Embora ainda não tenhamos uma boa avaliação da influência e da presença de ambos no campo acadêmico paulista daquelas décadas, o certo é que a absorção de suas idéias dar-se-ia em gerações seguintes pela leitura de seus livros" (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 123).

o momento de constituição dos campos disciplinares, basicamente nos anos 1930 e 1940, a separação entre a sociologia e a antropologia não era muito nítida. A criação da Universidade de São Paulo e a vinda de diversos professores estrangeiros, principalmente franceses, que eram mais bem versados nas ciências sociais, implicaram na existência de estruturas mínimas de produção do conhecimento e, sobretudo, em novo recorte para o pensamento social brasileiro. Podemos dizer, entretanto, que nessas primeiras décadas a sociologia ocupou a cena das discussões mais relevantes no campo acadêmico, enquanto a antropologia acabou ficando restrita a poucas instituições e a um pequeno número de antropólogos.

Somente no fim dos anos 1960 e, mais significativamente, nos anos 1970, é que a antropologia foi alçada ao primeiro time das ciências sociais no Brasil, em particular a antropologia produzida no Rio de Janeiro, conforme ressalta Mariza Corrêa (1995). Enquanto a sociologia florescia na cena paulistana, a antropologia encontrara seu lugar privilegiado no grupo carioca, principalmente entre os pesquisadores do Museu Nacional.

A aparente fragilidade institucional da antropologia, nas primeiras décadas, decorreu basicamente do predomínio da sociologia, por intermédio da "escola paulista de sociologia" coordenada por seu mentor mais expressivo, ex-aluno de Bastide, Florestan Fernandes. Assim, a repercussão de Claude Lévi-Strauss na antropologia desse período encontrou pouco respaldo." A hegemonia da sociologia uspiana é enfatizada por Fernanda Peixoto em seu artigo sobre o itinerário brasileiro de Lévi-Strauss. Segundo essa autora, "a voz francesa de timbre etnológico, dada por Lévi-Strauss, encontrou pouco eco perto de outras" naquele momento. Portanto, os professores franceses marcaram de forma distinta as ciências sociais e foram também apropriados de forma distinta por seus alunos e seus

25 Um sinal da pequena sensibilidade e receptividade de antropólogos atuantes no Brasil - como Donald Pierson e Emílio Willerns - ao pensamento de Lévi-Strauss pode ser visto, por exemplo, na breve citação ao livro *As estruturas elementares do parentesco* feita por Herbert Balduz em *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*, publicada em 1954.

contemporâneos. Para Peixoto, o "caráter hegemônico do grupo de Florestan Fernandes dificultou o desenvolvimento da ciência política e modelou a produção antropológica da instituição, tanto do ponto de vista teórico-metodológico, como também no que diz respeito ao elenco temático: estudos migratórios, a cidade de São Paulo, as relações raciais, etc." (PEIXOTO, 1998a, p. 100).

Pode-se, então, falar da presença de um estilo nas ciências sociais, marcado pela "sociologização da antropologia", conforme expressão de Luiz de Castro Faria (1993), nas décadas de 1940 e 1950. Estilo esse que contou com a contribuição de Bastide. Perceber os lugares diferenciados de Bastide e Lévi-Strauss no desenvolvimento das ciências sociais brasileiras foi um dos objetivos deste artigo. De fato, Lévi-Strauss não se apresenta como um autor-chave nos primórdios das ciências sociais brasileiras, a exemplo de Bastide, mesmo porque a recepção de seus estudos ocorreu em momentos diversos. Lévi-Strauss produziu suas obras maiores já no fim dos anos 1940, as quais só foram repercutir no Brasil uma década mais tarde. As primeiras pesquisas inspiradas no método estrutural foram realizadas no início dos anos 1960 no Museu Nacional. Mariza Corrêa (1995, p. 42) lembra que, em "1962, tinham sido publicados na França *O Pensamento Se/vagem e Totemismo Hoje*, trabalhos que Roberto [Cardoso de Oliveira] reconhece até hoje como inspiração de suas pesquisas. Ele experimentaria uma aplicação do método de análise de Lévi-Strauss a um caso brasileiro (1964) e faria também a apresentação dele às edições nacionais de *Antropologia Estrutural* (1967) e *Antropologia Estrutura/II* (1976)." ²⁶

Peixoto destaca, em seu artigo mencionado anteriormente, que "sua entrada [de Lévi-Strauss] no Brasil ocorreu, de fato, a partir da década de 1960, com o reexame de tópicos como a organização dualista entre os povos do Brasil Central, no interior do projeto Harvard/Central Brazil (Maybury-Lewis 1979) e, anos depois, com os estudos do parentesco amazônico" (PEIXOTO, 1998a, p. 97). Mariza Corrêa também lembra que Roberto DaMatta, aluno de Roberto Cardoso de Oliveira e David Maybury-Lewis, foi o pensador que "explorou mais a fundo a vertente estruturalista na Antropologia brasileira e, de certo modo, ao explicitá-la, como veremos mais adiante, completou a transição, iniciada por Roberto e David,

²⁶ Conferir a coletânea de autoria de Claude Lévi-Strauss et al., *Mitos e linguagem social: ensaios de antropologia estrutural*, publicada pela editora Tempo Brasileiro em 1970, que contém vários artigos elaborados, ainda no início da década de 1960, sob a égide do método estrutural.

de um período de hegemonia do culturalismo para o atual em que convivem orientações teóricas das mais diversas origens" (CORRÊA, 1995, p. 42).

O próprio DaMatta (1981), ao tratar de sua trajetória intelectual, fornece-nos dados para compreender a situação da antropologia nesse período. No início dos anos 1960, período de formação de DaMatta, predominava a antropologia cultural, cujo nome brasileiro mais expressivo era o de Darcy Ribeiro, que tinha como suporte teórico as idéias evolucionistas do antropólogo Leslie White. No Museu Nacional do Rio de Janeiro, Roberto Cardoso de Oliveira, que acabara de publicar seu estudo sobre os índios terena, iniciava o processo de revisão das linhas de pesquisa ainda predominantes na antropologia, baseadas nos estudos monográficos sobre índios, negros e brancos, e dos contatos entre as minorias étnicas e a sociedade nacional. Cardoso de Oliveira estava redirecionando o debate com o oferecimento de curso aos estudantes, com enfoque na antropologia social, praticada na França e na Inglaterra, por meio do estudo dos pensadores franceses Émile Durkheim, Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss, além do exame dos autores nacionais como Florestan Fernandes.

Neste curso, portanto, dava-se ênfase às seguintes linhas de trabalho: a) ao estilo da pesquisa de campo compreensiva, em oposição ao estágio de campo para produzir relatórios curtos, do tipo 'a situação dos índios Bicudos', tão a gosto de nossa Etnologia tradicional; b) ao estudo teórico sério de sociologia comparada e de antropologia inglesa em oposição ao estudo dos autores norte-americanos, como era tradição dos cursos dirigidos por Darcy Ribeiro no Museu do Índio. Assim, estudávamos que a sociedade tinha uma história, mas também possuía mecanismos sociais universais, sendo sua dinâmica feita de relações sociais concretas, não de padrões culturais abstratos; c) à importância concomitante dos estudos de situações sociais concretas e não a estágios do passado, onde as sociedades tribais surgiam apenas como exemplos num drama social global que, de fato, é o drama da civilização ocidental. (DaMATTIA, 1981, p. 181).

Dessa forma, o ambiente teórico no qual Roberto DaMatta se formou estava em franca modificação com a aproximação de novas abordagens e de autores como Claude Lévi-Strauss. Cabe lembrar que Roberto Cardoso de Oliveira ocupa papel expressivo na história das ciências sociais, em especial na divulgação e recepção das idéias de Lévi-Strauss no Brasil, conforme já explicitamos.

Pode-se perceber que os espaços de cada disciplina acabaram se delineando de forma diferenciada, tanto pelas instituições nas quais tiveram melhor recepção quanto nas gerações de cientistas sociais que incorporaram as idéias de seus principais mentores. Bastide, de fato, foi um autor-chave na institucionalização e consolidação do pensamento social no Brasil e Lévi-Strauss, como afirmou o próprio Darcy Ribeiro,

não formou etnólogos. Sua principal influência foi posterior e se exerceu como mestre teórico parisiense, enquanto o estruturalismo esteve em moda. Roger Bastide, cuja obra é essencialmente antropológica, viu, provavelmente com tristeza, quase todos os seus discípulos se bandearem para a sociologia. Suspeito, e não estou brincando, que Lévi-Strauss veio aprender antropologia no Brasil com os nossos índios e os livros da Escola de Sociologia e Política, que tinha uma biblioteca admirável. (RIBEIRO, 1997, p. 122-123).

Essa passagem das memórias de Darcy Ribeiro ilustra como a temporada brasileira foi significativa na trajetória de Lévi-Strauss e caracteriza a pouca distinção existente naquele momento entre a antropologia e a sociologia, ao compreender a obra de Bastide por um viés essencialmente antropológico. Bastide é visto ora como antropólogo, ora como sociólogo, o que, na formação de seus alunos, se refletirá de forma multifacetada: críticos literários, filósofos, sociólogos e antropólogos. A formação variada das primeiras gerações de cientistas sociais adveio sem dúvida desse estilo e espírito pluralista, bem representados por Bastide, e que marcaram fortemente os anos 1930 e 1940. Assim, foram linhagens de cientistas sociais que se pautaram pelo pluralismo de idéias e de abordagens.

O trabalho feito por Manuel Palácios da Cunha e Melo (1999) é bastante útil para compreender o cenário recente das ciências sociais, em especial nos anos 1990, e a situação de Bastide e Lévi-Strauss nas linhagens intelectuais estruturadas no Brasil." Melo procurou em seu estudo, a partir de dados bibliométricos, distinguir

²⁷ O estudo de Lúcia Lippi Oliveira (1999) sobre a produção acadêmica apresentada no Grupo de Trabalho Pensamento Social no Brasil da Anpocs é bastante significativo nesse sentido. A autora avalia que o grupo de trabalho "procedeu a uma revisão do cânone (se é que isto existe no Brasil), na medida em que realizou uma reinterpretação dos clássicos ou tirou do esquecimento autores e obras consideradas 'perdedoras' e que não faziam parte do panteão consagrado." (p. 149-150). Entre esses autores está Bastide, que na ótica de Oliveira "teve reconhecimento de seus pares, [mas] não freqüenta hoje em dia as bibliografias dos cursos de sociologia" (p. 165).

as principais referências intelectuais e os padrões de relação entre os autores e as obras, com o fim de mapear as linhagens ou matrizes intelectuais existentes no país. Limitada a uma amostra - que incluiu 302 dissertações e teses elaboradas entre 1989 e 1993 em vários programas de pós-graduação em sociologia, em antropologia e em ciência política -, a pesquisa de Melo traz um manancial de dados significativos para o nosso artigo. Por ser uma análise bibliométrica das linhagens das ciências sociais brasileiras, foram quantificados dados bibliográficos como citações, co-citações e co-ocorrência de palavras-chave, e detectados os autores mais citados, os mapas dos pensadores considerados clássicos e ainda as quatro configurações ou *clusters* existentes nas ciências sociais."

Os dados de Melo mostram que duas linhagens ou tradições são predominantes nas ciências sociais: a antropologia social e a sociologia política. Na primeira tradição predominam autores considerados clássicos, como Clifford Geertz, Claude Lévi-Strauss, Marcel Mauss e até o brasileiro Roberto DaMatta; e, na segunda, figuram Karl Marx e autores da sociologia paulista, como Florestan Fernandes. Em relação aos mapas disciplinares construídos por Melo, os dados apresentados em relação à antropologia social e à sociologia política são significativos para a nossa análise. No *cluster* da antropologia social, no qual Roger Bastide está incluído, predominam as referências aos clássicos estrangeiros. Bastide aparece na pesquisa em uma posição intermediária, como um autor com índice de inclusão homogêneo. No *cluster* da sociologia política, percebem-se autores identificados em sua maioria com a tradição da sociologia paulista, os quais em grande parte são ex-alunos de Bastide, tais como Florestan Fernandes, Octávio Ianni e Fernando Henrique Cardoso. Em relação às obras mais citadas na antropologia social, somente a obra de Bastide *As religiões africanas no Brasil* é mencionada, enquanto Lévi-Strauss, por exemplo, tem seis obras citadas.

²⁸ Um dos destaques do estudo é justamente salientar que o jogo científico e acadêmico não poupa pensadores, caracterizando-se e contaminando-se muitas vezes por modismos, interferências políticas e conjunturais. Por exemplo: entre os autores mais citados por um mínimo de trinta teses, Pierre Bourdieu é o primeiro colocado, ficando na frente de Marx e Weber, o que demonstra também o papel preponderante dos pensadores clássicos estrangeiros na configuração das ciências sociais. Ao analisar os autores citados segundo a classificação (estrangeiro, brasileiro e brasilianista), Melo observa que os autores estrangeiros são frequentemente os mais citados, ficando bem à frente das duas outras categorias (MELO, 1999, p. 75-80).

Outra via de análise de Melo reside nas referências bibliográficas presentes nas ementas dos cursos de pós-graduação selecionados. Nesse ponto, entre os autores brasileiros e brasilianistas que constam nas ementas das disciplinas, Bastide figura em sétimo lugar, atrás de vários autores brasileiros, como Fernando Henrique Cardoso, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Florestan Fernandes, Roberto Cardoso de Oliveira, Roberto DaMatta e Wanderley Guilherme dos Santos. Já entre todos os autores, incluindo os estrangeiros, sua posição cai para vigésima nona. Nessa mesma lista, o primeiro é Claude Lévi-Strauss, na frente de Weber, Bourdieu e Marx. Outro recorte significativo apresentado na pesquisa é a citação por área disciplinar, incluindo estrangeiros, brasileiros e brasilianistas. Na área de antropologia, Lévi-Strauss permanece em primeiro lugar e Bastide não consta entre os vinte mais citados nas ementas dos cursos de pós-graduação.

Os dados revelam, claramente, que Bastide não é uma referência sempre presente nas bibliografias dos pesquisadores das ciências sociais no Brasil nos anos mais recentes. Desdobra-se daí a conclusão de que Bastide tampouco é reconhecido como um autor que elaborou uma obra explicativa e interpretativa do porte da de Lévi-Strauss ou da de Bourdieu, por exemplo. Sua situação é mais confortável se olharmos entre os autores nacionais e os brasilianistas. Mesmo assim, como vimos, Bastide é situado como referência atrás de seus ex-alunos como Florestan Fernandes."

Considerações finais

A diferença entre a repercussão do pensamento de Lévi-Strauss e a de Bastide no Brasil decorre da adoção de orientações diversas em suas trajetórias intelectuais aliada ao estilo diferenciado de cada autor. As redes criadas em torno

²⁹ Se compararmos a situação e o interesse despertado pelas idéias bastidianas nessa última década, tanto no Brasil quanto na França, podemos apontar duas vias distintas. Na França, não há dúvida de que o trabalho sistemático de difusão protagonizado pela Revista *Bastidia na*, que reuniu antigos colaboradores, contemporâneos e alunos de Bastide, praticamente reverteu um quadro de expressivo esquecimento da sua obra. No Brasil, entretanto, nem as iniciativas constantes de Maria Isaura Pereira de Queiroz e de alguns poucos pesquisadores foram suficientes para realizar o mesmo. O interesse mais recente, com a reedição das obras *Poetas do Brasil* (1997) e *O candomblé da Bahia* (2001), ainda necessita de tempo para ser mensurado adequadamente.

de cada um demonstram o estilo apropriado e o lugar ocupado por estes no campo acadêmico. Claude Lévi-Strauss esteve pouco tempo no Brasil e somente após sua consagração como pensador renomado na Europa e a difusão do estruturalismo é que seus estudos começaram a ser bem recebidos no país. Bastide, por sua vez, estabelece relações de outra ordem, seja com a comunidade acadêmica e intelectual brasileira, seja com seus alunos, ao viver por mais de dezesseis anos aqui e, conseqüentemente, ter produzido significativa parte de sua obra no país.

Em suas atividades, Bastide parecia-se ora com um antropólogo, ora com um sociólogo, ora com um poeta, ora com um escritor ou, até mesmo, com um psicanalista. Essa indefinição e essa capacidade de transgredir e transgredir as fronteiras disciplinares acabou por lhe cobrar uma dívida acadêmica muito alta no tocante à divulgação e à recepção de seu pensamento.

Weber já havia chamado a atenção para o profundo processo de especialização sofrido pelas ciências no último século e para a verdadeira opressão que se abate sobre aqueles que não fazem essa opção científica. A vocação científica no século XX exigia assim a dedicação a um campo muito especializado do conhecimento e somente dessa forma o cientista teria possibilidade de realização no campo científico, pois acreditava-se que "uma realização definitiva é sempre uma realização especializada" (WEBER, 1995, p. 436). Portanto, a especialização parecia ser um movimento inexorável, no qual os poucos que tentaram escapar foram tragados e jogados na terra distante e inóspita do esquecimento.

Diferentemente de Lévi-Strauss em vários momentos, Bastide não se ateu às distinções e aos paradigmas que dominaram as ciências sociais durante muito tempo e preferiu viver na fronteira entre as disciplinas, seja da sociologia, da psicologia, da antropologia, da psicanálise, da psiquiatria social, ou ainda da literatura e da poesia. Não estamos querendo com isso afirmar que sua obra e seu pensamento não carregam as marcas de sua formação e das interpretações vigentes nesse período, como as da Escola Sociológica Francesa. Todavia, Bastide cultivou um novo modo de perceber a relação entre o sujeito e o objeto de pesquisa, além de ter introduzido e utilizado noções, conceitos e interpretações que se afastam do padrão racionalista e intelectualista, tão prezado no campo acadêmico, seja na França ou no Brasil. Em outras palavras, o estilo bastidiano não correspondia ao padrão ou ao modelo requisitado naquela etapa das ciências sociais, situando-se entre o cruzamento de diferentes abordagens e tradições intelectuais e constituindo-se numa espécie de "desafio ao positivismo", segundo Jean Du vignaud (2001).

Da mesma forma, Bastide não se amedrontou diante da imensa tarefa que era conhecer os elementos irracionais, o imaginário, e não somente o racional na sociedade. Privilegiou e procurou nos detalhes, nos pormenores e nas pequenas coisas os sinais que poderiam indicar o conhecimento mais completo do mundo social, enquanto Lévi-Strauss dedicou-se à procura das estruturas fundamentais e da elaboração de grandes sínteses intelectuais. O caso de Bastide, a dedicação a vários temas - e alguns pouco canônicos como o cafuné, por exemplo - trouxe prejuízos acadêmicos, que não foram revertidos em grande parte após o seu retorno à França na década de 1950.

Talvez seja a falta de uma obra-síntese, observada na pesquisa de Manuel Palácios da Cunha Melo (1999) sobre as principais referências intelectuais, a razão para que Bastide apareça numa posição muito tímida tanto entre os autores nacionais quanto entre os autores estrangeiros. A única obra lembrada pelos pesquisados é justamente aquela que mais se aproxima de uma síntese, *As religiões africanas no Brasil*. Já em relação a Claude Lévi-Strauss, nessa mesma pesquisa, são enumeradas várias obras, como *As estruturas elementares do parentesco*, *Antropologia estrutural I*, *O Pensamento selvagem* e *Tristes trópicos*.

o Brasil, é provável que Bastide, tendo em vista o interesse renovado por sua obra nesses últimos anos, mereça maior atenção do que a recebida até o momento. A distinta recepção de Bastide e Lévi-Strauss no Brasil mostrou que as ciências sociais cultivaram diferentes procedimentos teóricos e metodológicos em seus vários períodos e etapas, que refletiram, por sua vez, o momento histórico vivido por essas disciplinas, bem como os autores, os atores e as linhagens intelectuais predominantes. Os dois pensadores abordados são clássicos no sentido de que podem ser permanentemente retomados como fonte de reflexão para os problemas contemporâneos. Portanto, uma avaliação da incorporação de suas idéias no campo acadêmico e intelectual brasileiro e do seu conseqüente impacto no desenvolvimento das ciências sociais no Brasil tomou-se tarefa imprescindível, em parte realizada neste artigo.

Referências

- BALDUS, Herbert. 1954. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. São Paulo: Comissão do IV Centenário.
- BASTIDE, Roger. 1947. La sociologie en Amérique Latine. In: GURVITCH, Georges (Org.). *La sociologie au XX^e siècle II: Les études sociologiques dans les différents pays*. Paris: Presses Universitaires de France. p. 621-642.
- _____. 1950. *As estruturas elementares do parentesco*. Anhembi, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 52-64, dez.
- _____. 1967. *Sociologia das doenças mentais*. São Paulo: Nacional.
- _____. 1983. A propósito da poesia como método sociológico. In: PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura (Org.). *Bastide*. São Paulo: Ática. p. 81-87. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- _____. 1994a. *L'évi-Strauss ou l'ethnographie à la recherche du temps perdu*. *Bastidiana*, n. 7-8, p. 89-96.
- _____. 1994b. *La pensée obscure et confuse*. *Bastidiana*, n. 7-8, p. 123-136.
- _____. 1994c. *Le rire et les courts-circuits de la pensée*. *Bastidiana*, n. 7-8, p. 197-207.
- BEYLIER, Charles. 1977. *L'oeuvre brésilienne de Roger Bastide*. 2 v. Thèse (Doctorat de 30 Cycle) - École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris.
- BRAGA, Maria Lúcia de Santana. 1994. *A sociologia pluralista de Roger Bastide: um itinerário*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- _____. 1996. Roger Bastide, paisagista. In: CHOR MAIO, Marcos; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil; Fiocruz. p. 159-178.
- _____. 2002. *Entre o esquecimento e a consagração: o estilo Roger Bastide nas ciências sociais*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- CANDIDO, Antonio. 2000. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática.

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1988. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq.
- CORREA, Mariza. 1995. A antropologia no Brasil (1960-1980). In: MICELI, Sérgio (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo:Editora Sumaré; FAPESP. v. 2, p. 25-106.
- CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François. 1994. *História da sociologia*. São Paulo: Ensaio.
- DaMATTA, Roberto. 1981. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis:Vozes.
- DELEUZE, Giles. 1982. Em que se pode reconhecer o estruturalismo. In: CHATELET, François (Org.). *História da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar. v. 8, p. 271-303.
- DOSSE, François. 1993. *História do estruturalismo 1: O campo do signo (1945-1966)*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora Unicamp.
- DURAND, Gilbert. 1996. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DUVIGNAUD, Jean. 2001. Introdução à edição francesa de 2000. In: BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 341-348.
- FARIA, Luiz de Castro. 1993. *A antropologia: espetáculo e excelência*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Tempo Brasileiro.
- GADAMER, Hans-Georg. 1997. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes.
- GINZBURG, Carlo. 1989. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GRANGER, Gilles-Gaston. 1974. *Filosofia do estilo*. São Paulo: Perspectiva; Edusp.
- HELLER, Agnes; FEHÉR, Ferenc. 1994. O pêndulo da modernidade. *Tempo Social*, São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 47-82.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1947. La sociologie française. In: GURVITCH, Georges (Org.). *La sociologie au XX^e siècle II: Les études sociologiques dans les différents pays*. Paris: Presses Universitaires de France. p. 513-541.

Referências

- BALDUS, Herbert. 1954. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. São Paulo: Comissão do IV Centenário.
- BASTIDE, Roger. 1947. La sociologie en Amérique Latine. In: GURVITCH, Georges (Org.). *La sociologie au XX^o siècle* 11: Les études sociologiques dans les différents pays. Paris: Presses Universitaires de France. p. 621-642.
- _____. 1950. *As estruturas elementares do parentesco*. Anhembi, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 52-64, dez.
- _____. 1967. *Sociologia das doenças mentais*. São Paulo: Nacional.
- _____. 1983. A propósito da poesia como método sociológico. In: PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura (Org.). *Bastide*. São Paulo: Ática. p. 81-87. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- _____. 1994a. *L'évi-Strauss ou l'ethnographie à la recherche du temps perdu*. *Bastidiana*, n. 7-8, p. 89-96.
- _____. 1994b. *La pensée obscure et confuse*. *Bastidiana*, n. 7-8, p. 123-136.
- _____. 1994c. *Le rire et les courts-circuits de la pensée*. *Bastidiana*, n. 7-8, p. 197-207.
- BEYLIER, Charles. 1977. *L'oeuvre brésilienne de Roger Bastide*. 2 v. Thèse (Doctorat de 30 Cycle) - École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris.
- BRAGA, Maria Lúcia de Santana. 1994. *A sociologia pluralista de Roger Bastide: um itinerário*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- _____. 1996. Roger Bastide, paisagista. In: CHOR MAIO, Marcos; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil; Fiocruz. p. 159-178.
- _____. 2002. *Entre o esquecimento e a consagração: o estilo Roger Bastide nas ciências sociais*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- CAVALCANTE, Antonio. 2000. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática.

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1988. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq.
- CORREA, Mariza. 1995. A antropologia no Brasil (1960-1980). In: MICELI, Sérgio (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré; FAPESP. v. 2, p. 25-106.
- CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François. 1994. *História da sociologia*. São Paulo: Ensaio.
- DaMATTA, Roberto. 1981. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes.
- DELEUZE, Giles. 1982. Em que se pode reconhecer o estruturalismo. In: CHATELET, François (Org.). *História da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar. v. 8, p. 271-303.
- DOSSE, François. 1993. *História do estruturalismo I: O campo do signo (1945-1966)*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora Unicamp.
- DURAND, Gilbert. 1996. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DUVIGNAUD, Jean. 2001. Introdução à edição francesa de 2000. In: BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 341-348.
- FARIA, Luiz de Castro. 1993. *A antropologia: espetáculo e excelência*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Tempo Brasileiro.
- GADAMER, Hans-Georg. 1997. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes.
- GINZBURG, Carlo. 1989. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GRANGER, Gilles-Gaston. 1974. *Filosofia do estilo*. São Paulo: Perspectiva; Edusp.
- HELLER, Agnes; FEHÉR, Ferenc. 1994. O pêndulo da modernidade. *Tempo Social*, São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 47-82.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1947. La sociologie française. In: GURVITCH, Georges (Org.). *La sociologie au XX^e siècle II: Les études sociologiques dans les différents pays*. Paris: Presses Universitaires de France. p. 513-541.

- _____. 1996. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LÉVI-STRAUSS, Claude et al. 1970. *Mito e linguagem social: ensaios de antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MALAURIE, Jean. 2001. De Jean Malaurie para Roger Bastide. In: BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 352-354.
- MARY, André. 1994. Bastide, *Lévi-Strauss et le dieu intermédiaire*. *Bastidiana*, n. 7-8, p. 7-50.
- MARY, André; RAVELET, Claude. 1994. Entretien avec Claude Lévi-Strauss. *Bastidiana*, n. 7-8, p. 53-62.
- MELO, Manuel Palácios da Cunha e. 1999. *Quem explica o Brasil*. Juiz de Fora: Editora UFJF.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. 1999. Interpretações sobre o Brasil. In: MICELI, Sérgio (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995): Sociologia*. São Paulo: Editora Sumaré/Anpocs; Brasília: Capes. p. 147-181.
- PEIXOTO, Fernanda Arêas. 1992. As viagens de Lévi-Strauss e Michel Leiris. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 33, p. 187-198, jul.
- _____. 1998a. Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo. *Mana*, v. 4, n.1, p. 79-107.
- _____. 1998b. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura (Org.). 1983. *Roger Bastide*. São Paulo: Ática. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- RAVELET, Claude. 1978. *Phénomologie du sacré: essai sur l'anthropologie interculturelle de Roger Bastide*. Thèse de 3^e cycle, Paris.
- RIBEIRO, Darcy. 1997. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras.
- THOMAS, Louis-Vincent. 1993. Introduction: justice est faite. Notre vieux maître commence enfin sa carrière. *Bastidiana*, n. 1, p. 3-7.
- WEBER, Max. 1995. *Metodologia das ciências sociais: parte 2*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora Unicamp.